

REPORTAGEM ESPECIAL

ESPÍRITO SANTO

UM ESTADO

VIOLENTO

Pesquisa revela que é essa a visão de 80% dos capixabas, diante da ocorrência de crimes

/// CLAUDIA FELIZ
cfeliz@redgazeta.com.br

As marcas do sangue ainda estão lá, no Beco Estrela, no Morro São Benedito, em Vitória, onde no dia 8 deste mês a diarista Fabrícia Vieira Pereira Rocha, 21 anos, foi morta com um tiro na cabeça, durante uma briga entre gangues de traficantes de drogas. Fabrícia seguia para o trabalho, em Jardim da Penha, quando foi alvejada. Morreu “de graça” – segundo sua família, ela não tinha envolvimento com o tráfico.

Sua mãe, a também empregada doméstica Maria Vieira Pereira, 49, diariamente, ao passar pelo mesmo beco, indo e vindo do trabalho, chora lembrando da sua garota. É ela quem agora cuida de dois dos três

filhos de Fabrícia, com idades entre 2 e 7 anos.

Por triste destino, as crianças também perderam o pai assassinado há cinco anos no mesmo bairro. “Estava no lugar errado, na hora errada”, diz a mulher.

INSEGURANÇA

A tragédia vivida pela família da mineira Maria Pereira, que veio para Vitória há 12 anos em busca de melhores dias, é apenas uma entre muitas no cenário da insegurança registrada no Espírito Santo. E basta conhecer as estatísticas oficiais para se ter noção dessa realidade assustadora: somente no ano passado, 1.660 pessoas foram assassinadas – quatro por dia.

Mais de 25 mil roubos e furtos foram registrados em

estabelecimentos comerciais, residências e vias públicas no mesmo período. E são também esses números que justificam o fato de oito em cada dez capixabas considerarem o Espírito Santo um Estado violento, e 40,8% apontarem-no como o mais violento no país.

PESQUISA

É o que revela uma pesquisa realizada para A GAZETA pelo Instituto Futura, com 800 moradores de 23 municípios capixabas. Do total de entrevistados, 39% apontam o tráfico de drogas como o crime que mais afeta as suas comunidades, seguido de assalto (23,9%), assassinato (20%) e roubo (14,5%).

Para esses cidadãos, o uso de álcool e outras dro-

gas ilícitas destaca-se, com 62,3%, como causa da violência que assola o Estado; além do desemprego (11,4%), da educação deficiente (7,4%), da desigualdade social (4,8%) e da falta de estrutura familiar. Sem falar na também falta de policiamento (2,4%).

Neste ano, apenas entre janeiro e o dia 10 deste mês, 315 pessoas foram assassinadas no Espírito Santo, onde o próprio secretário da Segurança Pública, André Garcia, admite: mesmo que a taxa de homicídios por 100 mil habitantes tenha baixado de 58,3, em 2009, para 46,4, em 2012 – a menor nos últimos 17 anos –, nada há para comemorar.

Garcia garante que, nos últimos 30 anos, o Espírito Santo sempre esteve aci-

ma da média nacional em homicídios. E ressalta que, de janeiro a março deste ano, comparado ao mesmo período de 2012, houve uma queda de 9%.

Mas ele sabe que, para o cidadão, se antes a média era de cinco mortes por dia, e hoje é de quatro, não faz diferença. Quem perde um filho, um irmão, um pai assassinado sabe o que é isso. “Zerar a taxa é impossível. Hoje, nosso objetivo é chegar a 26 por 100 mil habitantes, que é a taxa nacional. Manter a tendência de queda é o desafio”, diz Garcia.

Apenas dez dos 78 municípios do Estado respondem por 68% dos homicídios no interior – nove deles no Norte. Garcia ressalta também que mais de 50% dos assassinatos são regis-

trados nos 30 aglomerados de população contemplados pelo Programa Estado Presente, que não envolve apenas ações de polícia.

EFETIVO

Polícia, sozinha, não reduz violência, mas é certo que a falta de policiais – hoje, um déficit de cerca de 2 mil – no quadro do Estado pesa. Nos últimos dois anos, 1.800 profissionais foram absorvidos. Hoje, o governo tem concursos abertos para 1.100 cargos na Polícia Militar e para 130 na Polícia Civil. Promete abrir mais para completar seu quadro até 2014.

Mas, diante da pressão exercida pelo crime, vê-se obrigado a agir. Decidiu, por exemplo, que os 700 sargentos que estavam

VICTOR JUBINI



Maria Pereira, com dois dos seus três netos órfãos: sua filha foi morta por bala perdida numa guerra entre traficantes em Vitória

num curso voltem para as ruas. E quer contratar designados temporários para o setor. Garcia diz que já há mais 360 policiais circulando a pé na Grande Vitória, por dia.

Ele sabe que a presença da polícia garante à população mais tranquilidade – e isso também é revelado na pesquisa da Futura, já que para 15,1% dos entrevistados a contratação de policiais é uma das medidas a serem aplicadas para conter a violência. Em primeiro lugar (20,9%), indicam investimento em educação.

Para frear os homicídios, o secretário destaca a estratégia que envolve ações integradas das polícias Civil e Militar, com base no Mapa do Crime – estatísticas das ocorrências por região. E diz

que são realizadas operações para localização e prisão dos chamados assassinos contumazes. Reuniões conjuntas da polícia, Justiça, Ministério Público e órgãos da área social, diz ele, têm contribuído para baixar o índice de homicídios.

Sem divulgar números, o governo prepara-se para licitar a compra mais câmeras de videomonitoramento a serem cedidas a prefeituras da Região Metropolitana e do interior, parceiras importantes para a redução da incidência de homicídios e crimes contra o patrimônio.

RELAÇÃO DIRETA

Esses são crimes com os quais o tráfico de drogas mantém uma relação fortíssima, conforme admite o delegado especializado em

O RETRATO

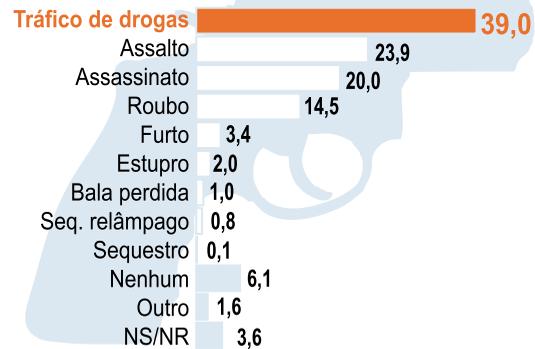
(Em %)

Pesquisa do Instituto Futura ouviu 800 moradores, entre 19 e 22 de fevereiro deste ano, em 23 municípios do Espírito Santo (48,6% na Grande Vitória)

Você ou alguém da sua família teve problemas por falta de segurança pública nos últimos 12 meses? Qual tipo?

Em sua opinião qual tipo de crime que mais afeta a sua comunidade?

Crimes	GV	Interior	Total
Assalto	21,6	9,2	15,3
Roubo	4,1	4,4	4,3
Assassinato	2,3	0,7	1,5
Bala perdida	1,8	0,2	1,0
Furto	0,3	0,5	0,4
Seq. relâmpago	0,3	0,0	0,1
Sequestro	0,3	0,0	0,1
Não teve probl.	72,5	82,5	77,6
NS/NR	0,5	2,2	1,4
Outro	0,5	0,7	0,6



Estupro e tráfico de drogas: Índices 0,0

Que tipo de crime mais lhe preocupa?

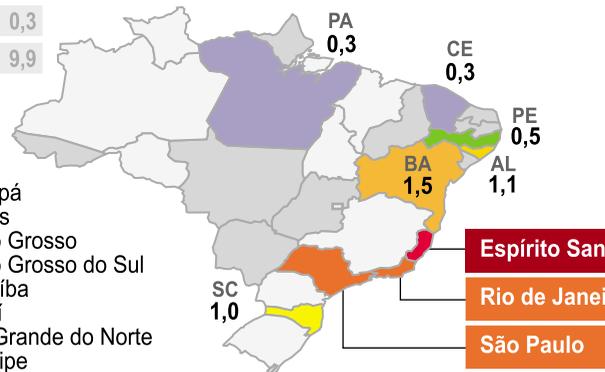


Roubo	8,6
Estupro	7,5
Bala perdida	3,1
Sequestro	1,6
Furto	1,5
Sequestro relâmpago	0,9
Não se preocupa/Nenhum	1,6
NS/NR	2,4
Outro	2,4

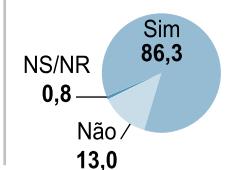
Qual o Estado do Brasil que você considera mais violento?

Nenhum 0,3
NS/NR 9,9

- 0,1 Acre
- Amapá
- Goiás
- Mato Grosso
- Mato Grosso do Sul
- Paraíba
- Piauí
- Rio Grande do Norte
- Sergipe



Você considera o Espírito Santo um Estado violento?



Esírito Santo	40,8
Rio de Janeiro	21,5
São Paulo	21,9

Em sua opinião, quais são as principais causas da violência?

Álcool/drogas	62,3
Desemprego	11,4
Educação deficiente	7,4
Desigualdade social	4,8
Falta de estrutura familiar	4,3
Falta de policiamento/poucos policiais	2,4
Crime organizado	2,1
Descaso do governo	1,8
Condições socioeconômicas	1,3
Corrupção	1,1
Falta de amor	1,1
Impunidade	1
Leis que protegem o criminoso/Leis pouco rigorosas	1
Autoridades que não dão exemplo	0,9
Desespero	0,9
Fome e pobreza	0,5
Sistema de segurança precário	0,5
Má distribuição de renda	0,4
Falta de valores	0,3
Polícia corrupta	0,3
Polícia desaparelhada	0,3
Preconceito social	0,3
Racismo	0
NS/NR	6,6
Outros	4,9

Obs: Do total de entrevistados, 51,4%, são das classes D/E; 33,1%, da classe C; e 11,9%, das classes A/B. A margem de erro é de 3,5 pontos percentuais para mais ou para menos

O que você acha que deve ser feito para conter a violência?

Investir em educação/Dar educação ao povo	20,9
Contratar mais policiais	15,1
Investir na segurança	12,8
Geração de empregos	11,8
Combater o tráfico de drogas	9,3
Leis mais rígidas	6,1
Aparelhar a polícia	4,4
Combate ao crack	3,3
Combater a corrupção	2,6
Melhorar a polícia	2,6
Amor ao próximo	2,3
Treinamento/Capacitação dos policiais	2,1
Melhorar as condições sociais	2,0
Governantes comprometidos com o fim da violência	1,9
Mais oportunidades para as pessoas	1,9
Temor a Deus/religião	1,8
Acabar com o crime organizado	1,6
Melhorar a política	1,0
Prender os bandidos	0,9
Matar os bandidos	0,8
Mudar o sistema de segurança	0,8
Construir cadeias	0,6
Instituir a pena de morte	0,3
Melhor distribuição de renda	0,3
Implantar UPPS	0,1
Prender/expulsar policiais corruptos	0,1
Instituir a prisão perpétua	0,0
Outros	12,4

Fonte: www.futuranet.ws

A Gazeta - Ed. de Arte - Genildo

DOR NO CORAÇÃO

“Perdi minha filha para a violência, mesmo tendo uma família honesta. Meu coração dói. Aqui, a gente só conta mesmo com a autoridade de Deus”

MARIA PEREIRA
49, DOMÉSTICA, MORA NO MORRO SÃO BENEDITO

tóxicos e entorpecentes, Diego Yamashita, que contabiliza mais de uma tonelada e meia de maconha, cocaína e crack apreendidos por sua delegacia, em 2012. Um número bem maior do que o de 2011, que foi de 817kg. Certo é que, quando o cerco ao tráfico aperta, criminosos tendem a migrar para a prática de furtos e roubos.

O alvo principal da polícia tem sido os maiores fornecedores – que comercializam acima de 30kg. E o que Yamashita constata é que esse número tem crescido. “Em 2007, eram só cinco ou seis os conhecidos. Parte morreu, outra foi presa”, diz ele. Só em 2012, a delegacia indiciou 480 pessoas por tráfico, 67,24% a mais do que em 2011.

POBRES E RICOS

O tráfico é mais intenso nos bairros mais pobres, mas a proximidade desses locais com áreas de classe média e alta favorece o comércio para consumidores de melhor padrão.

O negócio, altamente lucrativo, só cresce. “Um quilo de crack comprado por cerca de R\$ 5 mil no Paraguai pode ser vendido aqui por R\$ 13 mil. A maconha tem um retorno ainda maior: salta de R\$ 50 ou R\$ 100 para R\$ 1 mil o quilo”, diz o delegado.

Não se pode esquecer do componente social e de saúde que o problema envolve. Não por acaso o governo já anunciou que vai comprar vagas em comunidades terapêuticas para internar dependentes químicos.

Mas Yamashita lembra que o afrouxamento da lei em relação à repressão de quem consome fortalece o tráfico. “Às vezes, penso: do jeito que está, será que chegará um dia em que será tudo liberado?”, pergunta-se.

Dona Maria, que perdeu a filha no São Benedito, não tem essa resposta, mas um desejo: “Peço a Deus para manter meus filhos e netos livres das drogas”.

REPORTAGEM ESPECIAL

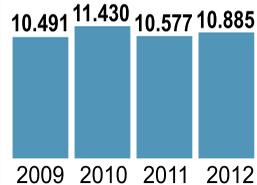
ALTO ÍNDICE

Dados da Secretaria de Estado da Segurança mostram que as preocupações da população em relação aos crimes contra o patrimônio se justificam, porque é grande o número de casos registrados

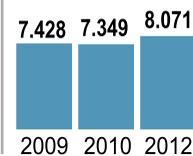
OCORRÊNCIAS



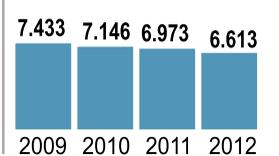
Roubo/furto em via pública



Roubo/furto em estabelecimentos comerciais



Roubo/furto em residências



A Gazeta - Ed. de Arte - Genildo

Mais de 25 mil furtos e roubos registrados em apenas um ano

Somente em vias públicas foram 10.885 ocorrências, segundo dados do governo

▄ CLAUDIA FELIZ

Além dos homicídios, que são o principal indicador da violência, um fato preocupa a população e as autoridades públicas: o elevado número de crimes contra o patrimônio no Estado. Somente em 2012, foram registrados 25.569 furtos e roubos a estabelecimentos comerciais, residências e também em vias públicas.

Esse número certamente não expressa a realidade. O próprio titular da Delegacia Patrimonial, Tarcísio Otoni, admite: nem todo mundo que é furtado ou roubado procura a polícia. “Muita gente acha que não vai dar em nada, mas a identificação dos autores dos crimes é alta, chega a 90%”, garante.

A pesquisa da Futura para A GAZETA mostra que, nos últimos 12 meses,

15,3% dos 800 entrevistados foram assaltados ou tiveram alguém da família nessa situação. Outros 4,3% foram roubados; e 0,4%, furtados.

Secretário de Estado da Segurança, André Garcia admite que preocupa o registro dos crimes num patamar elevado há pelo menos quatro anos (veja números no quadro acima desta página).

Ele diz que a polícia desenvolve seu trabalho, identificando quadrilhas de ladrões. Mas que o que mais causa incômodo à população é o crime “pulverizado”, praticado nas ruas. Nesse caso, cita a ação de dependentes químicos, que assaltam e furtam para obter dinheiro para o vício.

Garcia promete que haverá aumento de policiais para prevenir crimes e reforço também na Patrimonial.

➤ MAIS PESQUISA DA FUTURA Página 14

PAI E FILHO VÍTIMAS DE ASSALTO

“CONTEI OS SEGUNDOS PARA MORRER. UM BANDIDO SUGERIA QUE FOSSE A FACADAS; O OUTRO, A TIRO”

José

Taxista, 20 anos



ANÁLISE

Há uma sensação de não proteção

▄ Mesmo quem nunca teve um problema ligado à segurança pública – 77% dos entrevistados pela pesquisa da Futura – tem a percepção de que o nível de insegurança é alto. Porque ninguém quer fazer parte da estatística dos crimes. Nas regiões mais pobres, o que preocupa mais são os assassinatos. Já nas mais nobres, aparece a preocupação com crimes contra o patrimônio. De modo geral, vê-se que há uma

sensação de não proteção entre as pessoas. E essa sensação é maior nas áreas urbanas da região da Grande Vitória. Por outro lado, a pesquisa mostra que as pessoas sabem que o Estado, sozinho, não dá conta do problema, que a fatura não pode ser só debitada a ele. Todos sabem que onde a educação não chega a violência é maior.”

— JOSÉ LUIZ ORRICO
DIRETOR DO INSTITUTO FUTURA

Em comum, o trabalho e o medo

▄ Um tem 42 anos; o outro, 20. São pai e filho, ambos taxistas, e com histórias de violência para contar. João, nos seus dez anos de profissão, já sofreu três assaltos, mas foi José, seu filho – que começou a atuar na profissão há pouco mais de um ano –, quem viveu a experiência mais agressiva e assustadora. Em fevereiro deste ano, José – ele e o pai são

identificados com nomes fictícios – foi rendido por dois assaltantes menores de idade, com faca, na Serra, e levado para o bairro Nova Capina I, no mesmo município, onde mais dois bandidos armados com revólver esperavam-no. Ali, após permanecer sob a mira de armas, o jovem foi espancado com um bastão de beisebol, encontrado pelos assaltantes no porta-malas do táxi. “Con-tei os segundos para morrer. Um sugeria que fosse a facadas; o outro, a tiro, para ser ‘menos

sofrido””, conta a vítima. Segundo o taxista, o sinal sonoro da iluminação interna do carro fez com que os assaltantes pensassem que ele havia acionado o botão de pânico para alertar a polícia. E foi isso que o fez apá-nhar mais, até por volta das 2h da madrugada, quando só aí foi abandonado ensanguentado, vestindo apenas uma cueca. “Pedi socorro num lugar que era, na verdade, uma boca de fumo. Ali, me deram uma bermuda e o dinheiro da passa-

gem de ônibus, mas não quiseram me deixar chamar a polícia. Andei até chegar a um bar e, de um orelhão, consegui chamar a polícia e meu pai, que chegou antes dos militares”, relata. Pai e filho pedem mais abordagens da polícia a táxis em circulação nas ruas para coibir a ação de bandidos. Mas, sem esperar apenas pelo poder público, João já tomou uma decisão: quer comprar uma cabine blindada para o seu veículo. “O governo deveria financiar essas cabines para taxistas”, sugere.